



A INVENÇÃO LITERÁRIA DO NÓRDICO: *VIKINGEN* (O VIKING), DE ERIK GUSTAF GEIJER (1811).¹

THE LITERARY INVENTION OF NORSE: *VIKINGEN* (THE VIKING), BY ERIK GUSTAV GEIJER (1811)

Johnni Langer²

Vitor Bianconi Menini³

Resumo: O presente estudo propõe uma tradução do poema *Vikingen* de Erik Gustav Geijer do sueco para o português. Inserimos também uma contextualização inicial do autor e do poema, seguida de uma análise breve da fonte literária, especialmente de um ponto de vista diacrônico (elencando os principais estereótipos relacionados com a temática do Viking) e sincrônico, estabelecendo alguns elementos do nacionalismo sueco do período.

Palavras-chave: Viking; Escandinávia Medieval; Recepção literária; Romantismo e Nacionalismo.

Abstract: The present study proposes a translation of the *Vikingen* poem by Erik Gustav Geijer from Swedish into Portuguese. We also inserted an initial contextualization of the author and the poem, followed by a brief analysis of the literary source, especially from a diachronic and synchronic point of view (listing the main stereotypes related to the Viking theme), establishing some elements of the Swedish nationalism of the period.

Key-words: Viking; Medieval Scandinavia; Literary reception; Romanticism and Nationalism.

¹ Esta publicação é derivada do projeto de pesquisa *A Mitologia Nórdica na recepção artística ocidental, 1750-1910*, desenvolvido no PPGCR-UFPB a partir de 2019: <http://lattes.cnpq.br/3561550459580228> Acesso em 20 de agosto de 2020.

² Universidade Federal da Paraíba. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3010-2430>

³ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. E-mail: meninivitor@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6559-4204>



Introdução

O poema *Vikingen* (O Viking) é uma das obras literárias responsáveis pela criação das principais representações românticas sobre os nórdicos, sendo também uma das bases para os principais estereótipos sobre o tema na atualidade. O seu autor, Erik Gustaf Geijer (1783-1847) foi historiador, músico e poeta dedicado ao liberalismo e ao nacionalismo sueco (Lotass, s.d.). Também foi professor de História na Universidade de Uppsala. Primeiramente adotou um referencial político-cultural mais conservador, depois passando a ser liberal (Sjåvik, 2006, p. 83-84). Erik Geijer foi o líder da *Götiska förbundet* (Sociedade Gótica), um grupo dedicado a promover performances do mundo nórdico antigo, como a leitura das *Eddas* e o consumo de hidromel, além de editar a revista *Iduna*, dedicado a estudos antiquários e poesia antiga. Neste periódico, publicou em 1811 o poema *Vikingen*, a mais influente obra artística para a propagação do imaginário moderno sobre o tema dos nórdicos aventureiros. A primeira edição da revista *Iduna* foi praticamente toda composta por Geijer. Ela se inicia com um “anúncio” do significado das memórias e tradições para a nação sueca, para a consciência e caráter de seu povo. Assim, a comunidade social e nacional seriam um pré-requisito para o desenvolvimento do indivíduo, onde a História, os mitos e as narrativas antigas passariam a ter a maior importância (Lotass, s.d.).

A criação da Sociedade Gótica foi impulsionada por duas razões consecutivas: primeiro como consequência direta do *Renascimento Nórdico*⁴ do século XVIII; e em segundo, pelo crescente nacionalismo sueco no início do Oitocentos. A Suécia tinha pouca inclusão no cenário político e social do continente europeu e tendo adotado ideais de liberdade da França durante o século anterior, adaptou-se para uma nova política de expansão territorial, apoiando

⁴ O *Renascimento Nórdico* foi um movimento cultural pré-romântico com base na Mitologia e Literatura Nórdica medieval, que inspirou escritores e artistas visuais a criarem suas obras, depois tendo larga influência também no romantismo. O termo foi cunhado pela primeira vez em 1911 com o crítico literário Anton Blanck: *Den nordiska renässansen* (Ross & Lönnroth, 1999, p. 3). Para Lönnroth, o Renascimento Nórdico adaptou, reinterpreto e distorceu as ideias nórdicas antigas sob a luz de uma nova estética, o sublime. Aos poucos, ele se transformou de um movimento estético de alguns intelectuais em um movimento nacionalista político (Lönnroth, 1997, pp. 234-236). Em específico para as artes visuais, o Renascimento Nórdico foi tanto influenciado por motivações político-nacionalistas quanto a situação de inferioridade sócio-econômica que os países escandinavos se encontravam em relação à Europa continental (Hansson, 2019, pp. 15-19).



a Inglaterra e como consequência, entrando em conflito com a Dinamarca e Rússia em 1808. Como consequência da guerra finlandesa (1808-1809), a Suécia perdeu seu domínio sob a Finlândia que, em seguida, se tornou um Grão-Ducado russo (Innes, 1963, pp. 46-47).

A recepção literária logo incluiu este novo panorama político e internacional. Pehr Henrik Ling escreveu um poema alegórico da perda territorial finlandesa (1810), onde o rei Gylfe, sentado em um túmulo, lamenta a perda de sua amada Aura. Também o escritor Esaias Tégner, em seu poema patriótico *Svea* (1811), segue na mesma direção, onde os antepassados saem de seus túmulos para aplaudirem soldados suecos que recuperam a Finlândia (Mjöberg, 1980, p. 233). Neste mesmo período outros grupos foram formados em Estocolmo, reconstituindo a poesia, a literatura e a Mitologia Nórdica, também com fortes tendências nacionalistas.⁵ Esse fervor nacionalista não era baseado apenas na oposição de inimigos externos, mas também da denúncia de uma Escandinávia medieval decadente ou corrompida – aqui tanto pelo catolicismo quanto pela cultura romana do sul europeu.⁶ Neste contexto, o guerreiro e pirata nórdico (Viking) torna-se um herói nacional, transformado também em uma forma leve de folclorismo.

⁵ Como o *Manhemsförbundet*, criado em 1815 por C. J. L. Almqvist, que também era baseado na maçonaria, na cavalaria medieval e no Goticismo (Mjöberg, 1980, p. 233). Uma outra sociedade também foi fundada em Estocolmo em 1862, *Idun*, realizando várias atividades relacionadas ao mundo nórdico antigo, além de banquetes que contaram com a intervenção artística de Carl Larsson (Ljunggren & Bruyn, 2002, p. 44-45). A Sociedade Gótica foi desfeita em 1844. Vale mencionar também que a *Det Norske Selskab* (A Sociedade Norueguesa) foi um grupo literário fundado em 1772 em Copenhague por estudantes noruegueses e que promovia a discussão e escrita de textos nórdicos antigos (Mjöberg, 1980, p. 230).

⁶ A religião católica obviamente vai ser criticada a partir do protestantismo, inserido majoritariamente nos países escandinavos e no norte europeu. Quanto a cultura romana, ela vai ser combatida principalmente pela preponderância do Neoclassicismo e a presença da Mitologia Clássica nas artes em geral desde o século XVIII. Erik Geijer era um fervoroso adepto da substituição da Mitologia Clássica pela Nórdica nas artes e literaturas (Ross & Lönnroth, 1999, p. 22).

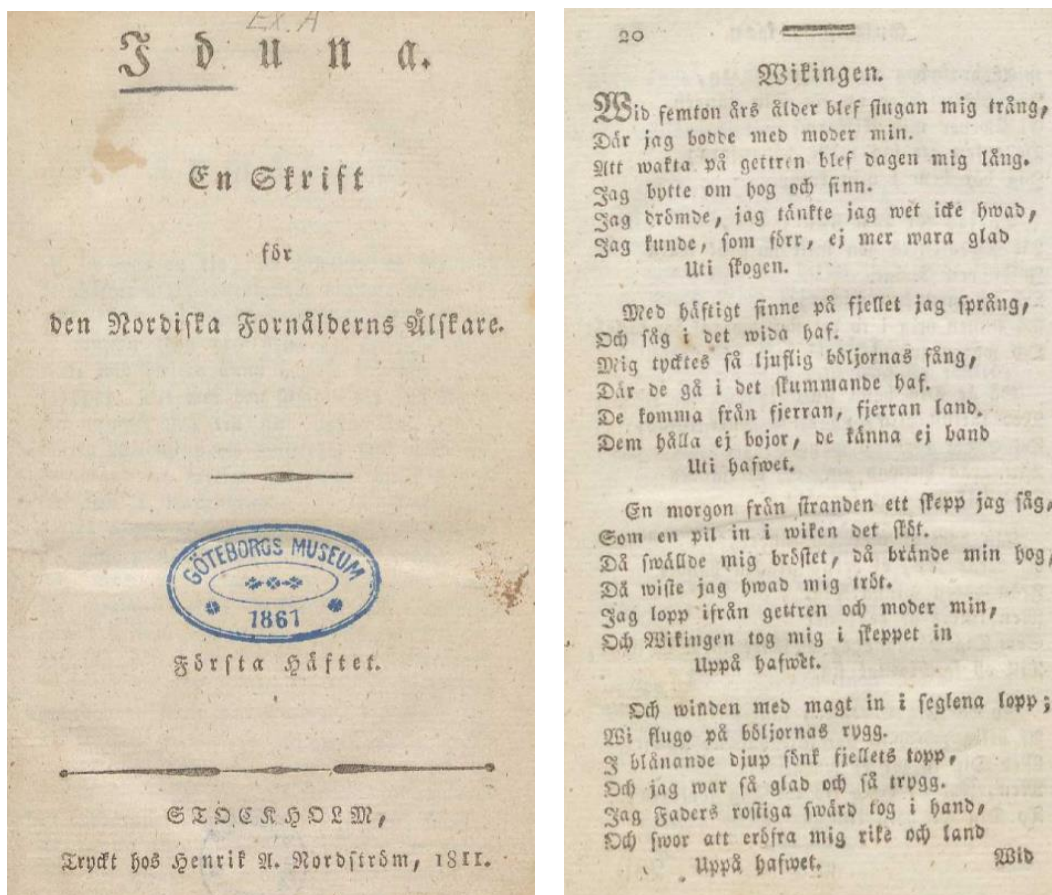


Figura 1: Capa da revista *Iduna* (*En skrift för den nordiska fornålderns älskare*), 1811, onde foi publicado originalmente o poema *Vikingen*, de Erik Geijer.

Figura 2: Primeira página do poema *Vikingen*, na primeira edição da revista *Iduna*, 1811, p. 20. Fonte das imagens: edição original disponível na biblioteca da Universidade de Gotemburgo: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/40043> (Acesso em 30 de abril de 2020).

A revista *Iduna*, o periódico da Sociedade Gótica, seguia essa tendência nacionalista e antiquarista. Ela publicava não somente artigos sobre a cultura material dos nórdicos da Era Viking, mas também editoriais patrióticos e poemas ou canções ao estilo nórdico antigo (com modificações consideráveis) (Lönnroth, 1999, p. 236). A segunda edição da revista (1812) inseriu uma tradução do poema *Völuspá* para o sueco, pesquisas de campo sobre antigos monumentos na região de Småland, além de análises químicas de artefatos encontrados, tornando-se um periódico pioneiro na divulgação do antiquarismo (antecipando a Arqueologia moderna, Molin, 2003, p. 102-104).

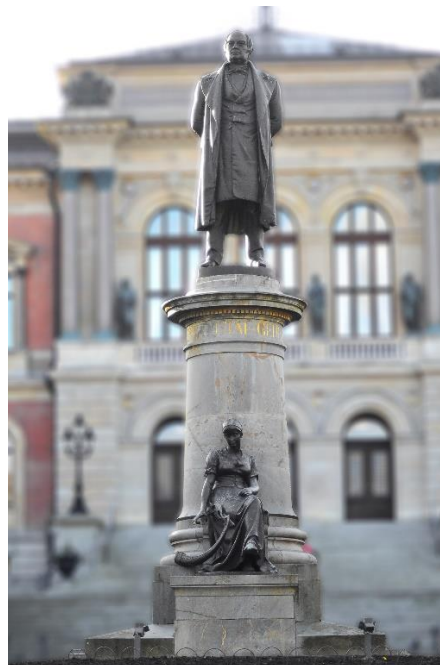
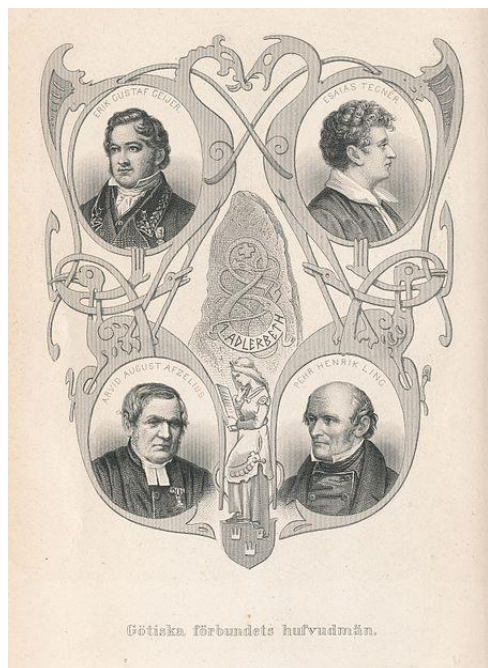


Figura 3: Ilustração dos líderes da Sociedade Gótica (Rudolf Hjärnes, 1878). Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Geatish_Society#/media/File:Gf-huvudman.jpg (acesso em 30 de abril de 2020). Erik Geijer aparece ao alto, na extremidade esquerda, ao lado de Isaias Tegner (o famoso autor de *Fithiof*). Logo abaixo, à esquerda Arvid August Afzelius, e na direita, Pehr Henrik Ling. A imagem possui referências à arte nórdica antiga e a símbolos de pedras rúnicas, além da inclusão da deusa Saga logo abaixo (esta, adornada com objetos espiralados da Idade do Bronze, comumente associadas nesta época aos germanos e nórdicos da Era Viking).

Figura 4: Estátua de Erik Geijer, de autoria de John Börjesson, 1888, praça da Universidade de Uppsala, Suécia. Fonte da imagem: <https://kulturpersoner.uppsalakyrkogardar.se/en/erik-gustaf-geijer/> (acesso em 11 de abril de 2020). A posição da estátua foi baseada em um desenho de Geijer enquanto observava um púlpito. A figura feminina na base (tocando um instrumento musical) representa o “pensamento” de Geijer e foi usada sua filha Agnes como modelo.

Erik Geijer foi profundamente influenciado por Shakespeare⁷, Goethe, Schiller, Hegel, sendo as ideias de “indivíduo” e “liberdade” centrais em sua obra (Warme, 1996, pp. 181-183). No poema *Vikingen*, Geijer reconstitui a trajetória de um personagem com a idade de quinze anos que inicialmente se sente deslocado de seu ambiente doméstico e bucólico. O mar torna-se um atrativo e um dia ele abandona sua mãe e embarca em uma expedição marítima. Com a

⁷ Segundo Bicher, 2017, Geijer foi o primeiro a traduzir Shakespeare para o sueco (*Macbeth*). Um pouco antes de escrever o poema *Vikingen*, ele viajou para a Inglaterra e presenciou pelo menos quatro peças deste autor. Em suas cartas, ele destacou que ficou especialmente comovido pelo sentimento de nacionalismo britânico (Bicher, 2017).



espada herdada de seu falecido pai, ele pretende conquistar o seu país. Após lutar contra fortalezas, saquear cidades e beber muito hidromel, rapta uma donzela em Valland. Tempos depois, após uma intensa vida de aventuras, ele acaba morrendo no mar com vinte anos. Geijer acaba valorizando o comportamento sangrento do personagem, inclusive ao raptar mulheres, mas o ponto central do poema é a liberdade e a glória proporcionada pela aventura marinha. Viking aqui torna-se tanto uma palavra associada a um guerreiro que sai em expedições (*kämpe*), quanto o rei do mar (*sjökonung*). Liberdade, independência e auto-governo na obra de Geijer confundem-se com a própria ideia de nação que a Suécia vinha construindo ao início do século XIX (Langer, 2017b, pp. 210-212).⁸ A leitura se torna ainda mais interessante se resgatarmos outro poema de Geijer, publicado logo depois de *Vikingen* na mesma edição da revista: *Obalbonden* (fazendeiro).

Geijer aqui opõe seus dois modelos de nórdicos antigos: o aventureiro rei do mar e o fazendeiro, ambos sendo heroicos, mas só o primeiro acaba tornando-se mais popular e predominante nas artes em geral.⁹ Assim, a harmonia da sociedade antiga para Geijer seria equilibrada tenuamente, de um lado, pelos reis e de outro, pelos fazendeiros livres. Esse equilíbrio teria sido destruído pelo catolicismo e feudalismo aristocrático. O Estado escandinavo forte, livre e independente teria raízes nos tempos vikings¹⁰ e não no medievo (Lönnroth, 1999, p. 238). Os personagens de Geijer mantêm uma personalidade temperamental expansiva e trágica (Warme, 1996, p. 181).¹¹

⁸ Geijer também utilizou a poesia e a Mitologia Nórdica como instrumento educacional na Suécia de sua época (Kruger & Jonsson, 2019, p. 20).

⁹ Apesar disso, outros escritores românticos também adotaram e louvaram o modelo do fazendeiro nórdico medieval, como os suecos Esaias Tegner e Carl Gustaf Verner von Heidenstam, o dinamarquês Adam Gottlob Oehlenschläger, o norueguês Bjørnstjerne Martinius Bjørnson e o islandês Gunnar Gunnarsson ((Mjöberg, 1980, p. 229).

¹⁰ O conceito de *Era Viking* só foi adotado objetivamente a partir dos anos 1830 com o artigo *Om do gamle Nordboers Bekjendtskab med den pyrenæiske Halvøe* (Sobre o conhecimento da presença nórdica na Península Ibérica), escrito por E. C. Wérlaoff e publicado na revista *Annaler for Nordisk oldkyndighed og historie* (Anais da Antiguidade e História Nórdica) em 1836 (Langer, 2017a, pp. 212-214).

¹¹ Para um outro referencial de análise da dicotomia entre estes dois poemas, consultar Kruger & Jonsson, 2019, p. 17-37, que utilizam o Darwinismo literário e a teoria biocultural para entender a criação de personagens reconhecíveis para a sociedade sueca de sua época.



Os poemas de Gustaf Geijer tiveram certa popularidade na sua época, mas restritos em geral aos países de línguas escandinavas.¹² Podemos perceber nitidamente alguns dos seus ideais na arte escandinava, como na pintura *En Viking bortfører en sydlandsk koinne* (1845) do norueguês Frederik Nikolai Jensen (ver figura 8). Ao que tudo indica, não houve tradução do poema *Vikingen* para o inglês durante o século XIX (Roberts, 1994, pp. 209-230).¹³ Para a língua francesa, foi realizada uma tradução por parte de Xavier Marmier na coletânea *Histoire de la littérature en Danemark et en Suède* em 1839 (Boyer, 1986, pp. 77-78, 220), contribuindo para certa repercussão do poema na Europa de forma geral. Mas a grande influência literária dos ideais sobre os nórdicos de Gustaf Geijer foi com outro sueco, Esaias Tegner, em sua versão de *Frithiof* (1825), especialmente no canto *Vikingabalk* (O código Viking), este com muito maior alcance, repercussão e traduções durante o Oitocentos.



¹² Os poemas *Vikingen* e *Obalbonden* foram incluídos nos currículos universitários da Suécia (Kruger & Jonsson, 2019, p. 20). *Vikingen* foi traduzido para o dinamarquês por Christian Winther em 1840, no livro *Sang og Sagn*.

¹³ Segundo Durand, 1957, p. 13, o poema de Geijer influenciou o conto *The Corsair* (1814) de Lord Byron, que por sua vez inspirou a ópera *Il Corsario* (1848) de Giuseppe Verdi; a abertura *Le Corsaire* (1844) de Berlioz e o balé *Le Corsaire* (1856) de Adolphe Adam.



Figura 5: Corno de beber gótico (*Göthiskt horn*) criado pelo escultor Bengt Erland Fogelberg e ofertado a Geijer (1816, acervo do *Museum Gustavianum*, Uppsala). Fonte da imagem: Stenroth, 2018, p. 28. Objeto criado em colaboração com o ourives Johan Petter Grönvall. Foi presenteado para Erik Geijer por estudantes durante sua nomeação como professor de História na universidade de Uppsala. Apresenta a escultura de Odin recebendo um chifre de beber de Saga, o casal primordial casal sentado em Yggdrasill, os deuses Brage e Iduna e uma inscrição com as palavras de Brunhilde para Sigurd, quando ela lhe entrega o corno de hidromel (*Edda Poética*). Na ponta do corno há uma cabeça enigmática (Stenroth, 2018, p. 28-30). A criação de cornos para beber, por toda a Europa Oitocentista, representa um dos elos mais importantes do Romantismo para a reconstituição e a conservação do mundo nórdico antigo. De encontros de estudantes a festivais promovidos por intelectuais, todos interagem com cornos, também sendo um dos pontos tratados por Geijer em seu poema *Vikingen*. Em 1831 o crítico literário Nicolai Wergeland declarou que um drama nórdico nunca seria completo sem a presença de cornos para bebidas (Mjöberg, 1980, p. 227).

Tradução¹⁴

<i>Vikingen</i> , Erik Gustav Gejer	<i>O Viking</i> , Erik Gustav Gejer
<p>Vid femton års ålder blev stugan mig trång, Där jag bodde med moder min. Att vakta på gettren blev dagen mig lång, Jag bytte om håg och sinn. Jag drömde, jag tänkte jag vet icke vad, Jag kunde, som förr, ej mer vara glad Uti skogen.</p> <p>Med häftigt sinne på fjället jag språng, Och såg i det vida hav. Mig tycktes så ljuvlig böljornas sång, Där de gå i det skummande hav. De komma från fjärran, fjärran land: Dem hålla ej bojor, de känna ej band Uti havet.</p>	<p>Quando tinha quinze anos minha cabana se estreitou, Lá onde vivi com a minha mãe. Pastorear as cabras tornava os dias enfadonhos, Eu estava perturbado¹⁵. Eu sonhei, pensei que não sabia mais De que maneira poderia, como antes, ser feliz Pela floresta afora.</p> <p>Em um súbito impulso, corri à montanha, E avistei o extenso oceano abaixo. A música das ondas soava adorável, Lá vão elas no mar espumoso. A ressaca vem de terras distantes, Nenhuma corrente compele, ou corda amarra No mar afora.</p>

¹⁴ Preferimos empreender uma tradução interpretativa, mais ou menos livre, do texto de Geijer. Levando em consideração a dificuldade em manter a estrutura de rimas suecas, preferimos adaptar o texto da melhor forma possível para o português. Além disso, toda a análise presente no artigo ajuda a compreendermos de forma mais ampla as próprias escolhas do autor. Como ferramenta, utilizamos o *Svenska Akademiens Ordböcker* – em especial o SAOB – que contém o levantamento histórico de mais de 500.000 vocábulos suecos (ver: <https://svenska.se> último acesso em 28/06/2020). Por fim, também fizemos o cotejamento com as traduções francesa e inglesa e referenciamos essas escolhas ao longo das notas posteriores.

¹⁵ No original, *Jag bytte om håg och sinn* transmite a ideia de um eu lírico pensativo “mudando de ideia”.



En morgon från stranden ett skepp jag såg,
Som en pil in i viken det sköt.
Då svällde mig bröstet, då brände min håg,
Då visste jag vad mig tröt.
Jag lopp ifrån gettren och moder min,
Och Vikingen tog mig i skeppet in
Uppå havet.

Och vinden med makt in i seglen lopp;
Vi flögo på böljornas rygg.
I blånande djup sönk fjällets topp,
Och jag var så glad och så trygg.
Jag Faders rostiga svärd tog i hand,
Och svor att erövra mig rike och land
Uppå havet.

Vid sexton års ålder jag Vikingen slog,
Som skällde mig skägglös och vek.
Jag sjö-konung blev – över vattnen drog,
Uti härnadens blodiga lek.
Jag landgång gjorde, vann borgar och slott,
Och med mina kämpar om rovet drog lott
Uppå havet.

Ur hornen vi tömde då mjödets must
Med makt på den stormande sjö.
Från vågen vi härskade på var kust –
I Valland jag tog mig en mö –
I tre dagar grät hon, och så blev hon nöjd,
Och så stod vårt bröllop med lekande fröjd,
Uppå havet.

En gång även jag ägde länder och borg,
Och drack under sotad ås,
Och drog för rike och menighet sorg,

Uma manhã, da costa, eu avistei um barco
Que na baía foi lançado como uma flecha.
Meu coração se encheu e minha mente se agitou,
Pois agora sabia o que me faltava.
Corri das cabras e também de minha mãe,
E o Viking me colocou a bordo do barco
Com destino ao oceano¹⁶.

E os fortes ventos encheram as velas;
Nós voamos nas costas das ondas.
Na imensidão azul, os cumes afundaram,
Eu me sentia tão bem e destemido.
Empunhando a espada enferrujada de meu pai,
Jurei que conquistaria para meu reino e país
No mar afora.

Aos dezesseis anos, matei o Viking
Que ousou-me insultar como imberbe¹⁷ e fraco.
Eu me tornei o rei do mar e as águas me arrastaram
Para os jogos sangrentos da guerra.
Quando aterrei, conquistei fortes e castelos,
E apostei o butim com meus guerreiros
No mar fora.

Dos cornos bebemos o mosto do hidromel,
Com a força de um mar tempestuoso.
Navegando as ondas governamos toda a costa -
Em Valland¹⁸ encontrei uma virgem -
Que chorou por três dias, mas depois se contentou,
Nosso casamento ocorreu - um evento jubiloso
No mar afora.

Uma vez eu até governei países e castelos,
E bebi debaixo de madeiras escurecidas por fuligem¹⁹,
Conduzi meu reino e guardei tristeza,
Dormi atrás de muros e travas²⁰.

¹⁶ Considerando a estrofe anterior e as referências à vastidão e fúria do mar, *Uppå havet* faz referência à uma próxima aventura nessa imensidão aberta pelo eu-lírico.

¹⁷ *Skägglös*: literalmente: sem barba. Aqui o autor se refere ao período de puberdade, antes do rapaz se tornar um homem barbado. Seguimos também o sentido da tradução francesa de Xavier Marmier para este trecho do poema: “homme imberbe” (Marmier, 1839, p. 438).

¹⁸ Região do continente europeu habitada por povos celtas e românicos. Consultar a nota 37.

¹⁹ Aqui a referência ao teto escurecido pela fuligem de fogueiras internas nas habitações escandinavas está atrelada a ideia de “domesticação”, contra a noção de “espírito livre”. Sobre isso consultar Bicher, 2017. Na edição original da revista *Iduna* (1811, p. 21), o autor inseriu uma nota de rodapé para este trecho do poema: “Utt aldrig brida under sotad ås, det nill såga: under tat a land, nar eljest wikingas-ed”, se referindo que o costume de ficar sob a fuligem era reservado somente para os vikings idosos.

²⁰ *Lås*, literalmente: fechadura.



Och sov inom väggar och lås.
Det var en hel vinter – den syntes mig lång,
Och fast jag var Kung var dock jorden mig
trång,
Emot havet.

Jag ingen ting gjorde, men hade ej ro,
För att hjälpa var hjälplös gäck.
Till mur vill man ha mig kring bondens bo
Och till lås för tiggarens säck.
På sakören, edgång och tjuvar och rån
Jag hörde mig mätt – Vor' jag långt därifrån
Uppå havet!

Så bad jag – men hän gick och vintern lång,
Och med sippor stränderna strös.
Och böljorna sjunga åter sin sång,
Och klinga: till sjöss, till sjöss!
Och vår-vindar spela i dal och i höjd,
Och strömmarne frie störta med fröjd
Uti havet.

Då grep mig det forna osynliga band,
Mig lockade böljornas ras.
Jag strödde mitt gull över städer och land,
Och slog min krona i kras.
Och fattig, som förr, med ett skepp och ett
svärd.
Emot okända mål drog i Vikinga-färd
Uppå havet.

Som vinden frie vi lekte med lust
På fjärran svallande sjö.
Vi människan sågo, på främmande kust,
På samma sätt leva och dö.
Bekymren med henne städs bosätta sig;
Men sorgen, hon känner ej vikingens stig
Uppå havet.

Och åter bland kämpar jag spejande stod
Efter skepp i det fjärran blå.
Kom Vikinga-segel – då gällde det blod:
Kom Krämarn – så fick han gå.
Men blodig är segren den tappre värd,

O inverno foi longo e rigoroso
E apesar de ser rei, meu mundo se estreitou
Em direção ao mar.

Cercado de pedidos por minha ajuda
Para proteger, como fortaleza, as casas dos fazendeiros,
Ou um cadeado na saca do pedinte,
Eu não errava²¹, mas não encontrava paz.
Sobre multas e juramentos, ladrões e roubos
Eu ouvi meu interior – como ansiava por estar distante,
No mar a fora.

Então eu rezei – mas o longo inverno cessou,
E as costas estavam repletas de flores.
Outra vez, as ondas cantavam
Dizendo: para o mar, para o mar!
Ventos da primavera tombavam alegres²²
No mar a fora.

Aflito por algum laço invisível e ancião,
Fui atraído pelas águas.
Espalhei minhas riquezas pelos campos e cidades,
E quebrei, em cacos, minha coroa.
Pobre como antes, com um barco, uma espada
E um futuro incerto, prossegui minha empreitada
Viking
No mar a fora.

Livres como o vento, nós saqueamos e festejamos
No distante oceano.
Nós vimos como as pessoas, em toda a costa estrangeira,
Do mesmo modo que nós, vivem e morrem.
Preocupações também aparecem quando homens
mitigam,
Mas o caminho Viking não conhece arrependimentos
No mar a fora.

Outra vez, com minha trupe, eu vigiava
Por embarcações na imensidão azul.
Se fossem velas Vikings- era sangue;
Se fosse um navio mercante passaria.
Mas uma vitória sangrenta era devida aos bravos
homens,

²¹ No sentido de não fazer nada de errado.

²² Preferimos o adjetivo direto.



Och Vikinga-vänskap, den knytes med svärd
Uppå havet.

Stod jag mig om dagen å gungande stäv,
I glans för mig framtiden låg,
Så rolig, som svanen i gungande säv
Jag fördes på brusande våg.
Mitt var då vart byte, som kom i mitt lopp,
Och fritt, som omätliga rymden mitt hopp,
Uppå havet.

Men stod jag om natten å gungande stäv,
Och den ensliga vågen röt;
Då hörde jag Nornorna virka sin väv,
I den storm genom rymden sköt.
Likt mänskornas öden är böljornas svall:
Bäst är vara färdig för medgång som fall
Uppå havet.

Jag tjugo år fyllt – då kom ofärden snar:
Och sjön nu begärrar mitt blod.
Han känner det väl, han det förr druckit har,
Där hetaste striden stod.
Det brinnande hjärta det klappar så fort:
Det snart skall få svalka å kylig ort
Uti havet.

Dock klagar jag ej mina dagars tal:
Snabb var, men god, deras fart.
Det går ej en väg blott till gudarnas sal:
Och bättre är hinna den snart.
Med dödssång de ljudande böljor gå;
På dem har jag levat – min grav skall jag få
Uti havet.

Så sjunger på ensliga klippans hall
Den skeppsbrutne Viking bland bränningars
svall –
I djupet sjön honom river –
Och böljorna sjunga åter sin sång,
Och vinden växlar sin lekande gång:
Men den tappres minne – det bliver.

E a amizade Viking é selada com espadas
No mar afora.

[Se] de dia, parado na proa agitada,
Um futuro cintilante apareceu a mim;
Calmo como um ganso em caniços oscilantes,
Eu surfaria nas ondas.
Minha dívida foi a recompensa que me aconteceu,
Livres e soltas eram minhas esperanças
No mar afora.

Mas, se de noite eu estivesse na proa agitada
E ouvisse o rugido de uma onda solitária;
Certamente eram as Nornas²³, tecendo suas tramas,
Em meio a uma forte tempestade.
O destino dos homens são como as ondas que quebram:
Melhor estar preparado para o que pode acontecer
No mar afora.

Com meus vinte anos completos – a calamidade:
O mar demandava meu sangue.
A água já o conhecia, havia provado dele antes,
Onde as batalhas mais quentes ocorreram.
O férvido coração bate forte,
Mas logo esfriará no reino gelado
Do mar.

Mas não me arrependo que meus dias foram contados:
Minha jornada foi rápida, porém verdadeira.
Há muitos caminhos para o lugar dos deuses;
E é melhor alcança-lo logo.
As ondas murmuram sua cantiga da morte;
Nelas eu vivi e nelas aguardava minha sepultura
No mar afora.

Então canta do salão de uma montanha solitária
O Viking náufrago no mar agitado -
As águas o afundam -
E as ondas cantam sua canção,
O vento despreocupado continua mudando sua direção;
Mas a memória do bravo - ainda vive.

²³ Na edição original, o autor inseriu o comentário em nota de rodapé: “Odets Gudinnor” (As deusas das probabilidades, *Iduna*, 1811, p. 23). Consultar a nota 39.



Análise

Nossa principal análise do poema se concentra em uma perspectiva diacrônica, relacionada com a construção da imagem do Viking²⁴ pela literatura e artes visuais, do medievo até 1910 (ver tabela 1)²⁵, do qual podemos perceber que Geijer utilizou alguns elementos que já existiam, mas de forma dispersa e outros, por sua vez, que acabou popularizando: o Viking como rei do mar/Pirata; como estuprador/sedutor; como guerreiro invencível/herói sem medo; como bebedor festivo em cornos – sendo a maioria destes elementos relacionada com comportamento.

O *Viking como rei do mar* certamente é um dos estereótipos mais importantes que surgem no poema, constituindo a própria essência da narrativa. A partir da segunda estrofe, todas as ações se passam no oceano e em quinze estrofes acabam citando o termo mar em seu desfecho (*havet* ou *sjö*), com somente duas exceções: a primeira, onde é descrita a moradia do protagonista com sua mãe, em meio a uma floresta e a última estrofe, aludindo ao herói em um salão na montanha (já falecido, uma alusão ao Valhalla) e a memória de seus feitos. Para Durand, 1957, p. 14, o abandono da floresta pelo oceano seria um reflexo crítico de Geijer contra a casa real de Bernardotte, instalada na Suécia após a derrota na Guerra Finlandesa (1810), uma reflexão semelhante seguida por Bicher, 2017, na qual a espada que o jovem herda do pai, seria uma alusão ao rei Gustav IV.²⁶

²⁴ Uma discussão sobre os sentidos e ubiquidades do termo *Viking* na literatura romântica pode ser encontrado em Wawn, 2002, p. 3-9.

²⁵ Os melhores estudos sobre a formação da imagem moderna sobre os vikings são Boyer, 1986 e Wawn, 2002, mas ambos se concentram no texto literário. Os dois autores aludidos contemplam somente a produção literária francesa e inglesa (em especial durante o século XIX), sendo as outras regiões e línguas da Europa ainda sem nenhum tipo de investigação pormenorizada. Para estudos complementares, ver bibliografia da nota 26. Infelizmente ainda não existem estudos pormenorizados da construção imagética do Viking do século XVI até o Oitocentos e respectivos estudos iconográficos. A obra Wilson, 1997 é um catálogo de uma exposição ocorrida no museu Moesgård (Aarhus, Dinamarca) em 1997 e contém algumas indicações histórico-sociais de pinturas e autores com temática Viking.

²⁶ Gustavo IV Adolfo (1778-1837) foi rei da Suécia até 1809, quando foi deposto por um golpe de estado e obrigado a abdicar (Britannica, 1911).



Tabela 1: Principais estereótipos relacionados aos nórdicos da Era Viking: Medieval (séculos VIII ao XV d.C.); Goticismo (séculos XVI ao XVII); Pré-romantismo (século XVIII); Romantismo (1780 a 1880), Pós-Romantismo (1880 a 1910).²⁷ Os elementos presentes no poema *Vikingen* de Geijer foram marcados com asterisco*.

<u>Estereótipos positivos</u>	<u>←Ação/elemento→</u>	<u>Estereótipos negativos</u>
Herói civilizador (Goticismo/Romantismo)	<i>Aventura</i>	Invasor bárbaro (Romantismo)
O viking como cavaleiro medieval/o Norte como origem da cavalaria (Pré-Romantismo e Romantismo) Heróis intrépidos e sem medo* (Romantismo) O Viking como um bárbaro melancólico (Romantismo) O Viking como rei do mar/pirata* (Romantismo) O Viking como um grande bebedor/Festim/Banquetes com cornos* (Romantismo)	<i>Comportamento</i>	Pagãos cruéis e demoníacos (Medieval e Romantismo)
Homem livre* (liberdade, justiça, democracia) (Romantismo) Guerreiros excitados pela religião, poesia e amor* (Romantismo)	<i>Sociedade</i>	Homens bestiais (barbárie) (Romantismo)
<i>Ideais heróicos:</i> Crânio do inimigo como taça (Goticismo, Pré-Romantismo e Romantismo) Elmo com asas ou chifres laterais (Romantismo e Pós-Romantismo) Navio Viking com elementos fantasiosos (Romantismo)	<i>Equipamentos</i>	<i>Ideais barbáricos:</i> Crânio do inimigo como taça (Goticismo, Pré-Romantismo e Romantismo) Elmo com asas ou chifres laterais (Romantismo e Pós-Romantismo) Navio Viking com elementos fantasiosos (Romantismo)
Guerreiros insuperáveis, com bravura, audaciosos, indomáveis, intrépidos* (Romantismo)	<i>Guerra</i>	Guerreiros alucinados ou descontrolados, ferozes e brutais (Romantismo)
Herói fundador de um passado nacional (Romantismo)	<i>Nacionalismo</i>	Inimigo da nação (Romantismo)
O Viking era comum a todo norte europeu/Panescandinavismo e Pangermanismo (Pré-Romantismo e Romantismo)	<i>Origem nacional</i>	Confusão entre celtas, escandinavos e germanos (Pré-Romantismo e Romantismo)
O Viking como sedutor* (Romantismo)	<i>Abdução/Rapto</i>	O Viking como estuprodoor bárbaro (Romantismo)
Livre, poderosa, guerreira (Romantismo) Virgem inacessível e mantenedora das armas (Romantismo)	<i>Mulher nórdica</i>	Guerreira bestial (Pós-Romantismo)
O clima influencia nos comportamentos positivos (Pré-Romantismo) A guerra é uma atividade natural dos nórdicos* (Pré-Romantismo)	<i>Ambiente</i>	O clima influencia nos comportamentos negativos (Pré-Romantismo)

²⁷ Wolf, Mueller-Wollmer, 2018, pp. 1-174; Boyer, 2002, pp. 19-116; Boyer, 1986, pp. 19-218; Cederlun, 2011, pp. 5-35; Frank, 2000, pp. 199-208; Langer, 2021b; Langer, 2021; Langer, 2017, pp. 706-718; Langer, 2015b, pp. 546-549; Langer, 2004, pp. 162-169; Langer 2002, pp. 6-9; Lind, 2012, pp. 151-170; Lönnroth, 1997, pp. 225-249; Mjöberg, 1980, pp. 207-238; Roesdahl, 1994, pp. 158-172; Ward, 2001, pp. -20; Wawn, 2002, pp. 3-282; Wilson, 1997, pp. 4-106.



A tendência geral da representação iconográfica do viking, do renascimento até o pré-romantismo, era representá-los anacronicamente seguindo a indumentária de sua própria época, quase sempre em uma situação terrestre. Ou adotar o modelo neoclássico representando os nórdicos com vestes greco-romanas. Mas de forma geral, sempre inserindo os guerreiros em situações terrestres ou relacionadas com infantaria e multidões. Mesmo após o *Renascimento Nórdico* em 1756, essa tendência continuou até meados do século XIX. Por exemplo, na tradução ao latim da *Saga de Gunlaug língua de serpente* (1775), as três ilustrações representando nórdicos antigos são na realidade, aristocratas dinamarqueses portando *redingotes*,²⁸ elmos romanos, lanças e escudos (Eiriksson, 1775, p. I, 164, 192). Mesmo esta obra contendo um anexo de nove páginas discutindo a etimologia de Viking²⁹, não ocorre nenhuma imagem de embarcações ou de nórdicos no mar.

É com o poema de Geijer que a imagem náutica se cristaliza objetivamente: “*Jag sjö-konung blev - över vattnen drog*” (Eu me tornei o rei do mar e as águas me arrastaram, grifo nosso). Trata-se aqui de um herói conquistador, tornado senhor absoluto da guerra por meio do mar. Também a figura do rei do mar foi muito popularizada em língua inglesa após os anos 1820 pela confusão entre as palavras *sea-king* e *vi-king* (Wawn, 2002, p. 71). No romance *The pirate* (1822), Walter Scott segue a imagem literária criada por Geijer, fundindo um termo em inglês com a palavra nórdica antiga: “I am a daughter of the old dames of Norway (...) my lover must be a *Sea-King* (...) is it more wise, think you, to mistake a windmill for a giant, or the commander of a paltry corsair for a Kiempe³⁰ or a *Vi-king*?”³¹ (Scott, 1879, p. 212, grifos nossos).

²⁸ Também percebemos influências nas ilustrações de Georg Haas para este livro, de trajes masculinos de ordens cavaleirescas do Setecentos (Leventon, 2013, pp. 164-165).

²⁹ O editor da obra discute o termo Viking nas Sagas islandesas, fontes anglo-saxãs e em Olaus Magnus, concluindo que se trata de pirata, num sentido militar (Eiriksson, 1775, pp. 298-306).

³⁰ Scott aqui utilizou outra palavra em nórdico antigo, *kempa*: campeão, guerreiro (Zoëga, 2004, p. 238) e pode ter sido influenciado por usos anteriores em línguas escandinavas modernas do termo *kämp*: na tragédia *Brynilda, eller Den olyckelige kärleken*, 1739, de Olof von Dalin; *Optrin af Nordens Kaempelio*, 1811, de Nicolai Grundtvig; *Sigurd ring*, 1817, de Erik Johan Stagnelius; no poema *Den siste kämpen*, de Gustaf Geijer, publicado na revista *Iduna*, edição de 1816, p. 36-41.

³¹ “Eu sou uma filha das velhas damas da Noruega (...) meu amante deve ser um Rei-do-Mar (...) é muito mais sábio, pensa você, confundir um moinho de vento com um gigante ou o capitão de um corsário

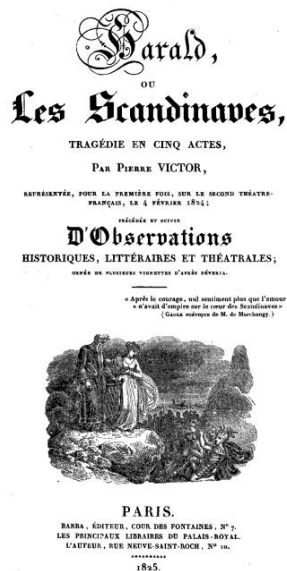


Figura 6. Frontispício do livro *Harald ou les Scandinaves*: tragédie en cinq actes, de Pierre Victor Lerebours, publicado em Paris em 1825. Desenho de Charles Étienne Pierre Motte, detalhe ampliado ao lado. Na imagem, percebemos um dos grandes padrões iconográficos instaurado pelo poema de Geijer: a relação dos Vikings com o mar – onde um navio nórdico posiciona-se ao fundo da enseada. O líder do grupo está ajoelhado em frente a um grande rochedo, onde se encontra um escaldo (portando uma grande harpa) e uma mulher, com vestimentas brancas. Na tipologia humana existente na recepção literária romântica proposta por Mjöberg, 1980, p. 228, a ilustração incorpora os três primeiros: o Viking, o escaldo, a mulher das sagas, o fazendeiro e a valquíria. O chefe nórdico porta uma armadura romana e seu elmo possui grandes asas laterais. A cena foi influenciada pela estética setecentista de temas ossiânicos, derivados do sucesso do romance *Ossian* de James Macpherson – tanto pela presença do poeta de longas barbas e harpa, quanto pelo elmo alado do herói (presente anteriormente no personagem Fingal, ver: *Fingal*, pintura a óleo de John Trumbull, 1792; *Fingal*, desenho de Alexis-Francois Girard, s.d., possivelmente início do século XIX; *Ossian évoque les fantômes au son de la harpe sur les bords du Lora*, pintura a óleo de François Pascal Simon Gérard, 1801; *Le songe d'Ossian*, aquarela de Jean-Auguste-Dominique, 1812; desenho *Fingal og lodas Ánd*, s.d., Christian Gottlieb Kratzenstein-Stub). A imagem do Viking surge pela incorporação da tradição “celta” de Ossian pelos franceses, passando depois a ter uma estrutura mais nórdica na iconografia, especialmente nas indumentárias – mas sobrevivendo o elmo com asas na figura do líder (como nas pinturas *Christendommens indførelse i Danmark*, 1827 e *Nordisk offerscene fra den Odinske periode*, 1831, ambas do dinamarquês J. L. Lund, consultar: Langer, 2021).

insignificante para um Kiempe ou um Vi-king”. Todas as traduções em inglês, francês, sueco e latim deste presente estudo são dos autores.



A primeira iconografia romântica sobre os vikings surge em 1825 no livro *Harald ou les Scandinaves* (ver figura 6), derivada diretamente do poema de Geijer, também reiterando no texto essa representação: “Pour rendre les Scandinaves plus intrépides sur mer (...) Les plus puissants et les plus redoutables étaient appelés *Rois de Mer*”³² (Lerebours, 1825, p. 163, grifo do autor), mas também na página 56, apresentando uma ilustração de embarcação (que na realidade se trata de um trirreme romano). A terminologia também foi utilizada no poema *Vikingabalk* (O código viking), o XV canto da versão de *Frithiof* (1825) do poeta Esaias Tegner: “*men sjökonungen sjelf kastar tärningen ej*” (Mas o próprio rei do mar não joga dados, grifo nosso).³³

A aventura no mar tornou-se um sinônimo do próprio espírito de aventura na literatura (Boyer, 1986, p. 84). O Viking passa a ser identificado como o navegador e aventureiro, que nada faz recuar, aproximando-se de outro estereótipo criado pelo Romantismo (ver figura 7): o herói destemido. Mas não somente força e coragem, certamente outros aspectos vão ser criados pelos escritores ao descrever este personagem: audacioso, indomável, intrépido, brutal e feroz (Boyer, 1986, p. 93). O Viking de Geijer ataca castelos, pilha, obtém espólios, mata.³⁴ Essa capacidade praticamente inata do nórdico antigo para a guerra e a aventura que perpassa nosso poema, na realidade, tinha já sido antecipada pelo criador do *Renascimento Nórdico*, o suíço Paul-Henry Mallet: “La Guerre devient donc alors la seule profession qu’il puisse exercer avec plaisir et avec honneur (...) du caractère des anciens Scandinaves dans la nature du climat

³² “Para tornar os escandinavos mais intrépidos no mar (...) Os mais poderosos e os mais formidáveis foram chamados *Reis do Mar*”.

³³ A pintura mais icônica desta representação foi com *Les rois o mer ou Piratas normands au 9e siècle ravageant les côtes de Normandie*, pintura a óleo, Alfred Didier, 1870, atualmente parte do acervo do Museu de Artes de Rouen, França. A obra sofreu influência da famosa pintura *Le Radeau de la Méduse*, 1819, de Théodore Géricault: percebe-se que a embarcação é retratada como uma balsa, sobre a linha da água, quase afundando. Como alegoria, Didier troca o conceito de mártires da pintura de Géricault e transforma os nórdicos em heróis do passado, onde o líder glorioso, de pé, estende o machado como sinal de triunfo, ao lado de uma figura feminina (alegoria de vitória e glória, típico da pintura francesa), que estende um dos braços para cima.

³⁴ É interessante perceber que no poema de Geijer o personagem se torna rei do mar logo após completar dezesseis anos e matar um rival nórdico, que o acusava de ser um fraco. Tornando-se rei do mar, as águas o atraem para jogos de sangue e guerra.



fous lequel ils vivoient”³⁵ (Mallet, 1755, pp. 251-252). Assim, é a Escandinávia a própria causa desta capacidade guerreira, com seu clima agressivo e violento.³⁶ A documentação medieval não menciona, necessariamente, as atividades vikings como bandidagens irracionais e sangrentas, mas sim dentro de concepções de atentados contra a autoridade, concorrentes políticos dos carolíngios e as incursões nórdicas como fruto de expansões políticas. A representação dos escandinavos como selvagens sanguinolentos é uma construção moderna (Rust, no prelo).

³⁵ “A guerra torna-se, portanto, a única profissão que ele pode exercer com prazer e honra (...) do caráter dos antigos Escandinavos na natureza do clima louco em que viviam”.

³⁶ Outro estereótipo sobre os Vikings perpetuado em língua francesa foi a sua representação como um cavaleiro medieval, durante o Pré-Romantismo e Romantismo (ver tabela 1). O estereótipo primeiramente teve início na França: “Tout ce que nous appelons esprit chevaleresque, nous le devons aux Scandinaves” (Cherade-Montbron, 1801, p. 266); “Oi aime à reconnaître que l’esprit de galanterie des Européens modernes est un héritage des Scandinaves, et que l’odinisme a été le berceau de la chevalerie” (Saint-Geniès, 1824, p. XII). Em 1825 o escritor sueco Esaias Tegner publicava a sua versão de *Frithiof*, onde o herói protagonista possui diversos elementos de um cavaleiro medieval. No mesmo ano, na França criou-se a imagem de que foi no Norte europeu que teria nascido a cavalaria: “Ce qui prouve d’une manière incontestable que la chevalerie est venue du Nord” (Lerebours, 1825, p. 176). A partir daí, vários outros intelectuais franceses continuaram a incluir essa representação até meados do século XX (Boyer, 1986, pp. 50-55). Na arte escandinava do início do Oitocentos, a representação do Viking como cavaleiro medieval pode ser constatada nos desenhos de Hugo Hamilton (*Teckningar ur Skandinavians Äldre Historia*. Stockholm: Gjöthström & Magnusson, 1830) e desenhos de Johan Holmbergsson para a quinta edição da *Frithiof saga* de Esaias Tegner (Stockholm: Tryckt Hos PA Norstedt & Soner, 1831).



Figura 7: *Frithiof dreper to troll på havet* (Frithiof mata dois trolls no mar), 1826, Carl Peter Lehmann, oil on canvas, 115 x 86 cm, © KODE Art Museums and Composer Homes, Bergen, Noruega. Quase tudo nesta pintura de Carl Lehmann é fantasioso. Não se conheciam muito bem as embarcações nórdicas, por isso o barco de Frithiof mantém quatro mastros e velas latinas e a proa contém uma espécie de esporão. O herói está de armadura completa – apesar dos cavaleiros medievais começarem a utilizar armaduras completas somente a partir do século XIV (e seu uso foi extensivo até o século XVII) - o imaginário artístico generalizou sua utilização para todo o medievo. Frithiof se mantém altivo e viril na proa da embarcação, destacando seu papel de herói e guerreiro na frente de uma embarcação em pleno oceano – aqui configura-se plenamente a relação do Viking como rei do mar, que iria se tornar uma das imagens mais icônicas deste personagem nas artes visuais (vide: *Nordmennene lander på Island år 872*, pintura a óleo, Oskar Wergeland, 1877; *Le Siège de Paris para les Normands*, desenho de Alphonse Marie de Neuville, inserida em *L'Histoire de France raconté à mēs petits-enfants* de François Guizot, 1879; *Les rois o mer ou Piratas normands au 9e siècle ravageant les côtes de Normandie*, pintura a óleo, Alfred Didier, 1870; *Une drakkar de pirates scandinaves*, ilustração colorida anônima inserida em *Le Petit Journal: supplement illustre* n. 1072, 1911; *Kane on the golden sea*, pintura a óleo, Frank Frazetta, 1977 - onde todas as imagens se destacam pela posição frontal do líder da expedição na proa do navio).



Dois objetos citados no poema de Geijer dizem muito sobre as representações relacionadas ao suposto comportamento do nórdico antigo. A primeira é espada. Para Bicher, 2017, a espada enferrujada que o personagem herda de seu desaparecido pai é uma referência à reabilitação da Suécia após a perda da Finlândia. É com ela que este herói se torna um rei, após uma vida de pilhagens e conquistas, e também, depois de uma breve pausa, retorna à sua vida de Viking. A espada é um tema recorrente nas sagas islandesas e poemas éddicos, geralmente possuindo nomes e propriedades mágicas e como definidora essencial do valor de um homem, a nível individual e coletivo (herança de geração). Tinha, portanto, conotações sociais, valores de lealdade e relações com os ritos funerários (Langer, 2015a, p. 169).

Destes aspectos, Geijer utilizou a herança da espada pelo pai e a amizade selada com espadas, além é claro de seu uso bélico. As espadas foram resgatadas pela literatura romântica como importantes possessões dos guerreiros antigos (Mjöberg, 1980, p. 216). Também na recepção visual de temas nórdicos durante o século XIX, a espada foi um elemento muito importante nas representações sobre a cultura material, sendo um elo de ligação entre o passado e o presente.³⁷ Apesar de possuir um formato totalmente fantasioso até o final da primeira metade do Oitocentos (assim como os elmos, embarcações e indumentária), geralmente baseada em descobertas da idade do Bronze ou modelos medievais tardios, a espada foi um símbolo das ações do nórdico.

O outro objeto citado no poema de Geijer é o corno para beber hidromel. Ao mesmo tempo em que é um elemento relacionado a festividades e irreverência do nórdico (resgatado empiricamente pelos românticos, vide figura 5), também relaciona-se com seu caráter supostamente violento ou bestial: em 1810, Pehr Henrik Ling escreveu um poema para o recém

³⁷ Um exemplo é a cena em que Angantyr, o pai de Hervör, lhe entrega a espada Tyrfing do mundo dos mortos (*Hervorar saga ok Heiðreks konungs*, séc. XIII), presente em várias imagens românticas: *Hervor henter sværdet hos Angantyr*, pintura a óleo de Christian Gottlieb Kratzenstein-Stub, s.d., possivelmente executada entre 1800-1815; *Hervør henter sværdet Tyrfing i Angantyr's høj*, 1872, pintura a óleo, Carl Christian Constantin Hansen; *Hervor at Samsø*, desenho, Jenny Nyström, 1895; *Hervor*, desenho de William Bell Scott, s.d., possivelmente realizada entre os anos 1860-1880. Também a espada Tyrfing foi o tema central de quatro ilustrações de Constantin Hansen para o livro *Tyrfing, et nordisk digt fra den mystiske tid* (de Henrik Hertz, Kjöbenhavn: C. A. Reitsel, 1849), que retratam desde a sua forja, o seu uso por Angantyr, a herança da espada do pai para a filha e a utilização do equipamento em batalha por Hervör.



coroado príncipe Karl August, no qual se descrevia uma antiga festa de guerreiros sueca, onde se bebia tanto hidromel quanto sangue com a mesma compostura (Mjöberg, 1980, p. 229). Em Geijer, logo após o protagonista matar a sua sede com hidromel, parte para a sua ação mais controversa em todo o poema: estupra uma donzela em Valland³⁸.



Figura 8: *En Viking bortfører en sydlandsk kvinne* (Um Viking rapta uma mulher do sul), 1845, Frederik Nicolai Jensen (1818-1870), pintura a óleo, 160 x 162 cm, inv. 379, © KODE Art Museums and Composer Homes, Bergen, Noruega. Trata-se da primeira representação iconográfica da imagem do Viking abductor ou sequestrador, seguindo o poema *Vikingen* de Geijer. A cena é pitoresca: um nórdico de cabelos castanhos apresenta uma capa, um elmo, escudo e machado fantasiosos; a mulher, de cabelos

³⁸ *Valland* é um termo genérico para as regiões ao sul, sudeste e sudoeste da Escandinávia. No *Heimskringla* o termo surge associado à França (Sturluson, 2009, p. 79, 86, 169, 251, 436, 682). Na tradução ao francês do poema *Vikingen* por Xavier Marmier o termo apareceu como “le pays de Galles” (Marmier, 1839, p. 438).



escuros, está com um vestido renascentista. O local apresenta construções que remetem ao Mediterrâneo. Além de reforçar o escandinavo antigo como violento e dominador, o pintor também contrasta a civilização do Norte em contraposição aos valores Neoclassicistas (reinentes na arte do Setecentos), uma das tônicas do Romantismo no Oitocentos. O tema de rapto/estupro/abdução dos germanos e nórdicos antigos estará novamente presente nas pinturas *La prisonnière disputée*, 1872, *Invasion*, 1872, *Le Ravissement*, 1889, *The abduction*, 1887, *Pirates normands au IX siècle* (versões de 1893-1897), todas do francês Évariste-Vital Luminais (1821-1896); *After the raid*, 1892 e *Viking women by a fire*, s.d., ambas do inglês Edward Matthew Hale (1842-1942); *Ein Wikingerüberfall*, 1901 e *Vikings looting*, 1911, ambas do alemão Ferdinand Leeke (1859-1923). Depois, no século XX, esta temática estará constantemente também na literatura feminina, mas como um elemento erótico. De forma positiva ou de forma negativa, a imagem do nórdico estuprador é uma fantasia histórica e estereotipada (Langer, 2017c, p. 240-244).

A representação do Viking como abductor ou estuprador é o segundo grande estereótipo apresentado no poema. Inexistente nas fontes medievais, ele é uma construção totalmente romântica. Logo após o poema de Geijer, em 1817, tem início em língua inglesa a associação entre estupro e pilhagem, transferida aos nórdicos e aos piratas em geral – uma imagem perigosa, mas atrativa. O Viking torna-se uma figura com uma forma específica de masculinidade, englobando noções de violência e dominação agressiva, culminando no romance *The Viking: an epic* (1849) de Zavarr (William Bennett), onde romance, estupro e sedução tornam-se o modelo para muitas obras posteriores (Sigurdson, 2014, pp. 249-259).³⁹

Ao final do poema surgem noções de destino e tragicidade. Ambas têm início quando Geijer opõe o dia e a noite, a partir da décima segunda estrofe. Diga-se de passagem, uma oposição tipicamente romântica. E é durante a noite que o personagem escuta as ondas, na realidade as *Nornas*, tecendo o destino dos homens.⁴⁰ Existem certos elementos melancólicos neste momento, ligado ao simbolismo de instabilidade dos elementos marinhos (as ondas, as

³⁹ Ressaltamos que também existe um outro modelo de comportamento para o Viking na literatura romântica, mais “civilizado” e moldado essencialmente pelo referencial cristão: o cavalheiresco, adotado essencialmente por Esaias Tegner (no personagem *Frithiof*), Adam Gottlob Oehlenschläger (no personagem rei *Helge*) e Johan Ludvig Runeberg (no personagem rei *Fjalar*) (Mjöberg, 1980, p. 229). Ver também a nota 35. O modelo cavalheiresco de *Frithiof* em Esaias Tegner envolve uma masculinidade nórdica moldada na força física e na confiança, respeito ao pai e cuidado com a mulher (Wawn, 2002, p. 136-137).

⁴⁰ Na realidade não existem indicações objetivas nas fontes medievais da relação entre as *Nornas* e a tecelagem, sendo isso uma influência classicista (as *Parcas* e *Moiras*) na recepção artística a partir do Setecentos. Sobre a temática, consultar: Langer, 2020.



águas e o próprio mar).⁴¹ A morte aqui é valorizada, mas enquanto um estado antagonista do verdadeiro sentido do herói Viking: a *liberdade*⁴² – e é no mar que o destino se revela, por naufrágio (com a idade de vinte anos), sendo a última frase do poema uma referência à memória do protagonista.

Por último, comentaremos brevemente alguns aspectos sincrônicos em relação ao poema. Como já antecipamos na introdução, a obra de Geijer⁴³ teve um contexto advindo do nacionalismo romântico sueco e é neste sentido que podemos também perceber o poema *Vikingen*.

A liberdade (*Som vinden frie*, Livres como o vento) do Viking torna-se aqui sinônimo também de igualdade social, de independência e liberação do indivíduo, condições imprescindíveis para um projeto nacional. Para Geijer o Estado é uma unidade orgânica e o reconhecimento de suas pessoas faz parte da realização geral da humanidade (Kurunmäki, 2000, p. 16). A saída ao mar e a transformação do personagem em rei do mar pode ser entendida como a busca de uma nova identidade sueca – uma nação arrasada pela perda da Finlândia, da guerra contra a Rússia e Dinamarca, de seu isolamento político-social em relação ao continente ou então, também uma volta ao ideal de um império náutico do qual a Suécia

⁴¹ Geijer explicitou a melancolia nórdica em seu poema *Den sidste kæmper*, onde a figura de um velho guerreiro lamenta que seus companheiros já estão mortos e este aguarda ansiosamente o momento de estar junto aos deuses, sendo o desfecho do poema cantado no alto de uma montanha. Um exemplo contundente da imagem melancólica do Viking esteve presente na obra de Knud Baade, com o desenho: *Sittende viking i kystlandskap*, 1840, onde uma figura masculina envelhecida, com um machado apoiado sobre os ombros e sentado sobre uma rocha na praia, observa entristecido o distante horizonte marinho e a pintura *Fantasibilde fra den norske sagatid*, 1850, onde percebe-se a penumbra de um guerreiro apoiado em sua lança, no cume de um grande montículo, também observando o mar distante. Segundo Ljøgdødt, 2012, p. 161-162, estas obras de Baade foram influenciados por Gustaf Geijer e refletem o clima melancólico de um encontro com um herói do passado antigo. Outros exemplos românticos da melancolia Viking: “(...) Les Scandinaves. La mélancolie était habituelle aux Barbares” (Cherade-Montbron, 1801, p. XVIII); “(...) nés avec les deux sentiments les plus capables d’élever et d’attendrir les cœurs, la mélancolie et la fierté” (Lerebours, 1825, p. 26).

⁴² A idealização da Escandinávia como terra da liberdade teve início com o livro *L’Esprit des Lois* de Montesquieu (1748) e prosseguiu com o romantismo francês: “Sois le rempart du Nord, ô liberté chérie!..(...) Etre libre ou mourir! Nés fiers, indépendants” (D’Arlincourt, 1818, p. 134, 269); “L’esprit de liberté, entièrement éteint dans Rome, s’était réfugié dans les forêts du Nord” (Saint-Geniès, 1824, p. XIV). Sobre o assunto, consultar o estudo: Zernack, 2018, p. 255-266.

⁴³ As palestras de Geijer em 1816 na Universidade de Uppsala são consideradas o nascimento do moderno nacionalismo sueco (Kurunmäki, 2000, p. 16).



teria feito parte no passado. O estupro em Valland, neste caso, torna-se uma situação de dominação e confronto sueco em relação à Europa continental: no Setecentos a situação político-social do país era de marginalidade. E no início do Oitocentos, os românticos suecos desejavam uma virada no jogo das nações. Abdução é poder, um forte simbolismo de dominação masculina e política. E a vítima do estupro no poema é uma jovem do Mediterrâneo - uma alegoria para as outras nações europeias?

A última frase do poema revela outros aspectos do nacionalismo de Geijer (*Men den tappres minne – det bliver*, Mas a memória do bravo - ainda vive). Ela revela que o valor do passado histórico é importante para o presente. Para este intelectual sueco, cada povo vive não apenas em sua época, mas também através de sua memória. Cada geração de pessoas deixa seus costumes e conceitos para a próxima - e é através desses costumes, a tradição, que o povo se torna um só, como nação e personalidade (Kurunmäki, 2000, p. 16). Seguindo um modelo próximo de Rousseau, o Viking aqui é identificado com um passado nórdico quase paradisíaco - livre, dominador, triunfante - se afastando e, por vezes, subjugando, os males da civilização mediterrânica (ou clássica, ou a Europa continental). Com isso percebemos como a figura literária do Viking de Geijer não foi somente um catalizador das antigas representações artísticas sobre este personagem, mas também a nova versão de uma figura patriótica em que a liberdade e o nacionalismo tiveram um papel fundamental.

Agradecimentos:

William Robert Rix (Københavns Universitet), Kesia Eidesen (KODE Kunstmuseer og komponisthjem), Anna Schram Vejlbj (Ribe Kunstmuseum), Daniel J. Kruger (University of Michigan), Nora Hansson (Uppsala Universitet) e Rune Finseth (Statens Museum for Kunst) pelo envio de informações e bibliografia.



Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

CHERADE-MONTBRON, Joseph. *Les Scandinaves*: poème traduit du swéogo-thique; suivi d'observations sur les mœurs et la religion des anciens peuples de l'Europe barbare. Paris: An IX, 1801.

D'ARLINCOURT, Charles-Victor Prévost. *Charlemagne ou La Caroléide*, poème épique en vingt-quatre chants, T. 1 e 2. Paris: Le Normant, 1818.

EIRIKSSON, Jon (Ed.). *Sagan af Gunnlaugi ormstungu ok skald-Rafni, sive Gunnlaugi vermilingvis & Rafnis poetæ vita*. Editado por Jon Eiriksson e ilustrações de Georg Haas. Anexo: *De vocibus vikingr & viking* escrito por Jon Eiriksson. Copenhagen: Ex typographeo Regiae universitatis apud viduam A.H. & E.C. Godiche, 1775.

GEIJER, Gustaf. *Vikingen*. In: *Iduna (En skrift för den nordiska fornålderns älskare)*, Stockholm, 1811.

GEIJER, Gustaf. *Le chant du Viking* (tradução ao francês de Xavier Marmier). *Histoire de la littérature en Denmark et en Suède*. Paris: Félix Bonnaire, 1839, pp. 437-442.

GEIJER, Gustaf. *Le Viking* (tradução ao francês de Xavier Marmier). In: MARMIER, Xavier. *Chants populaires du Nord*. Paris: Charpentier Libraire-Ediyeur, 1842, pp. 288-291.

GEIJER, Gustaf. *The Viking* (tradução ao inglês de Kristina Andersson Bicher). *Harvard Review Online*, October 18, 2017. Disponível em: <https://www.harvardreview.org/content/the-viking/> (acesso em 25 de março de 2020).

LEREBOURS, Pierre Victor. *Harald ou les Scandinaves*: tragédie en cinq actes. Paris: Barba, Éditeur, 1825.

MALLET, Paul-Henry. *Introduction à l'Histoire de Dannemarc*, ou l'on traite de la religion, des loix, des mœurs et des usages des anciens danois. Copenhagen: L. H. Lillie, 1755.

SAINT-GENIÈS, Leonce de. *Balder, fils d'Odin*: poème scandinave en six chants; suivi de notes sur l'histoire, la religion et les mœurs des nations celtiques. Paris: L'Editeur, 1824.

SCOTT, Walter. *The pirate*. Edição original de 1822. London: Marcus Ward & Co, 1879.



STURLUSSON, Snorri. *Heimskringla*, séc. XIII, tradução e notas de Lee M. Hollander. Austin: University of Texas Press, 2009.

Fontes secundárias:

ARONSSON, P. Vikingarna och den svenska identiteten. *Historisk Tidskrift* 125(3), 2005, pp. 450-458.

BENSON, Adolph Burnett. *The Old Norse element in Swedish Romanticism*. New York: Columbia University Press, 1914.

BICHER, Kristina Andersson. The Viking by Erik Gustav Geijer, *Harvard Review Online*, October 18, 2017. Disponível em: <https://www.harvardreview.org/content/the-viking/> (acesso em 25 de março de 2020).

BLANK, Dag. The Transnational Viking: The Role of the Viking in Sweden, the United States, and Swedish America. *Journal of Transnational American Studies* 7(1), 2016, pp. 1-19.

BOYER, Régis. *Les Vikings: idées reçues*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2002.

BOYER, Régis. *Le mythe viking dans les lettres françaises*. Paris: Editions du Porte Glaive, 1986.

BRITANNICA Encyclopædia. Gustavus IV, 1911. https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclopædia_Britannica/Gustavus_IV.

CEDERLUN, Carl Olof. The Modern Myth of the Viking. *Journal of maritime archaeology* 6, 2011, pp. 5-35.

CLARK, David (Ed.). *Old Norse Made New: Essays on the Post-Medieval Reception of Old Norse Literature and Culture*. Viking Society for Northern Research, 2007.

CÓRDOVA, Daniel Salinas. Vikings na literatura. LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017, pp. 734-739.

O'DONOGHUE, Heather. The reception of Norse Myth. *From Asgard to Valhalla: the remarkable history of the Norse Myths*. London: I.B.Tauris & Co. Ltd, 2007, pp. 83-200.

DURAND, F. La figure du Viking dans la littérature scandinave. *Annales de Normandie Année* 7, 1957, pp. 3-33.

FRANK, Roberta. The Invention of the Viking Horned Helmet. *International Scandinavian and Medieval Studies in Memory of Gerd Wolfgang Weber* 12, 2000, pp. 199-208.



- GERVEN, Tim van. Is Nordic Mythology Nordic or National, or Both? Competing National Appropriations of Nordic Mythology in Early Nineteenth-Century Scandinavia. In: HALINK, Simon (Ed.). *Northern Myths, Modern Identities: The Nationalization of Northern mythologies since 1800*. Leiden/Boston: Brill, 2019, 49-72.
- GUILLET, François. Le Nord mythique de la Normandie: des Normands aux Vikings de la fin du xviii^e siècle jusqu'à la Grande Guerre. *Dans Revue du Nord* 2-3, 2005, pp. 459-471.
- HALL, Richard. Nationalists, romantics, madmen and scholars. *Exploring the world of the Vikings*. London: Thames and Hudson, 2007, pp. 216-229.
- HANSSON, Nora. *Klassiskt och nordiskt: fornnordiska motiv i bildkonsten 1775–1855*. Masteruppsats, Uppsala Universitet, 2019.
- HELGASON, Jón Karl. *Echoes of Valhalla: the afterlife of the Eddas and Sagas*. London: Reaktion Books Ltd, 2017.
- INNES, Hammond. *Escandinavia*. Mexico: Offset Multicolor, 1963.
- KOCHMAN, Adam. Of Vikings and Nazis: Norwegian contributions to the rise and the fall of the idea of a superior Aryan race. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences* 54, 2005, pp. 84-88.
- KRUGER, Daniel & JONSON, Emelie. The Viking and the Farmer: Alternative Male Life Histories Portrayed in the Romantic Poetry of Erik Gustaf Geijer. *Evolutionary Studies in Imaginative Culture* Vol. 3, n. 2, 2019, pp. 17-38.
- KUHN, Hans. Greek gods in Northern costumes: Visual representations of Norse mythology in 19th century Scandinavia. In: BARNES, Geraldine & ROSS, Margaret Clunies. *Old Norse myths, literature and society: The proceedings of the 11th International Saga Conference, 2-7 July 2000, University of Sydney*, ed. Geraldine Barnes and Margaret Clunies Ross (Sydney: Centre for Medieval Studies, University of Sydney, 2000), pp. 209-219.
- KURUNMÄKI, Jussi. National Representation in Sweden in the Early 19th Century: Erik Gustaf Geijer's Two Conceptions of National Representation. Paper for Workshop 2, "The History of Political Concepts", at ECPR Joint Sessions, Copenhagen, 14-19 April 2000.
- LANGER, Johnni. Imagining national belief through art: Old Norse Religion and the Vikings in J. L. Lund's painting 'Nordisk offerscene fra den Odinske periode' (1831) (no prelo).
- LANGER, Johnni. Barbarian, hero, adventurer: the visual invention of the Viking through European art (1824-1851) (no prelo).



- LANGER, Johnni. Unveiling the destiny of nation: the representations of Norns in Danish art (1789-1875). *Perspective: Journal of art history*, 2020, Statens Museum for Kunst/National Gallery of Denmark (no prelo).
- LANGER, Johnni. Religião, Vikings e arte: reflexões sobre o medievo na pintura *St Sigfrid döper allmoge i Småland* (1866), de Johan Blackstadius. *Revista de História Comparada* 14 (2), 2020b (no prelo).
- LANGER, Johnni. Era Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017a, pp. 212-220.
- LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017b, pp. 706-717.
- LANGER, Johnni. Estupro. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017c, pp. 240-244.
- LANGER, Johnni. Espadas míticas. In: *Dicionário de Mitologia Nórdica*. São Paulo: Hedra, 2015a, pp. 169-172.
- LANGER, Johnni. Vikings. In: *Dicionário de Mitologia Nórdica*. São Paulo: Hedra, 2015b, pp. 546-549.
- LANGER, Johnni. Vikings, cultura e região: o mito arqueológico nórdico dos Estados Unidos, *Revista Olho da História* (UFBA) N. 18, 2012.
- LANGER, Johnni. Rêver son passé – Le Viking imaginaire. In: GLOT, Claudine (Org.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoebeque, 2004, pp. 162-169.
- LANGER, Johnni. The origins of the imaginary viking. *Viking heritage* n. 4, 2002, pp. 06-09.
- LE BRIS, Michel. Barbares romantiques, Norsemen et Saxons. In: GLOT, Claudine (Org.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoebeque, 2002, pp. 162-165.
- LEVENTON, Melissa (Org.). *História ilustrada do vestuário*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- LIND, John. "Vikinger", vikingetid og vikingeromantik. *KUML: Årbog for Jysk Arkæologisk Selskab* 61, 2012, pp. 151-170.
- LJØGODT, Knut. 'Northern Gods in Marble': the Romantic Rediscovery of Norse Mythology. *Romantik* 1, 2012, pp. 141-165.



- LJUNGGREN, Bengt & BRUYN, George W. On Swedish and Scandinavian Heritage. *The Nobel Prize in Medicine and the Karolinska Institute: The Story of Axel Key and Alfred Nobel*. Basel: Karger, 2002, pp. 41-54.
- LÖNNROTH, Lars. The vikings in History and legend. In: SAWYER, Peter (Org.). *The Oxford illustrated history of the vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997, pp. 225-249.
- LOTASS, Lotta. Erik Gustaf Geijer (1783-1847), introduktion. *Litteraturbanken/The Swedish Literature Bank*, s.d. Disponível em: <https://litteraturbanken.se/författare/GeijerEG> (Acesso em 01 de abril de 2020).
- MARSHALL, Nancy Rose. Victorian Imag(in)ing of the Pagan Pyre: Frank Dicksee's Funeral of a Viking. *19: Interdisciplinary Studies in the Long Nineteenth Century* (25), 2017, pp. 1-37.
- MELTON, Zachary. *Nineteenth-Century American Reception of Old Norse Literature: The Search for American Identity*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Islândia, 2017.
- MJÖBERG, Joran. Romanticism and revival. In: WILSON, David (Org.). *The Northern World: The History and heritage of Northern World*. New York: Harry Abrams, 1980, pp. 207-238.
- MOLIN, Torkel. *Den rätta tidens mått: Göthiska förbundet, fornforskningen och det antikvariska landskapet*. Umeå: Department of Historical Studies, Umeå University, 2003.
- NONDIER, Guy. Aux origines du nom Viking. *Études Normandes* 47(3), 1998, pp. 71-74.
- O'DONOGHUE, Heather. *English Poetry and Old Norse Myth: A History*. Oxford, 2014.
- QUINN, Judy & CIPOLLA, Maria Adele. *Studies in the Transmission and Reception of Old Norse Literature: The Hyperborean Muse in European Culture*. London: Brepols, 2016.
- ROBERTS, Michael. Geijer and England. *Scandia: Tidskrift för historisk forskning* 60(2), 1994, pp. 209-230.
- ROESDAHL, Else. Vikingerne i dansk kultur. *Fortid og Nutid* 2, 1994, pp. 158-172.
- ROSS, Margaret Clunies & LÖNNROTH, Lars. The Norse Muse Report from an International Research Project. *Alvíssmál* 9 (1999): p. 3-28.



- ROSS, Margaret Clunies. *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. London: Brepols, 2018.
- RUST, Leandro Duarte. *Fios de sangue: a violência viking no Império Carolíngio*. Rio de Janeiro: Vozes, no prelo.
- SIGURDSON, Erika Ruth. Violence and Historical Authenticity: Rape (and Pillage) in Popular Viking Fiction. *Scandinavian Studies* 86(3), 2014, pp. 249-267.
- SJÁVIK, Jan. *Historical Dictionary of Scandinavian Literature and Theater*. Toronto: The Scarecrow Press, 2006.
- SPRAY, Thomas Northern Antiquities and Nationalism, *eSharp* 23, 2015, Myth and Nation, p. 1-17.
- STENROTH, Ingmar. *Bengt Erland Fogelberg*. Göteborg: Citytidningen CT/Göteborgs universitetsbibliotek, 2018.
- STURTEVANT, Albert Morey. The Old Norse element in Swedish romanticism by Adolph Burnett. Benson. *Modern Language Notes*, Vol. 30, No. 7, 1915, pp. 227-229.
- SVENSKA AKADEMIENS ORDBÖCKER. Disponível em: <https://svenska.se/> (Acesso em 01 de abril de 2020).
- WARD, Elisabeth I. Viking pop culture on display: the case of the horned helmets. *Material History Review* 54, 2001, pp. 6-20.
- WARME, Lars G. (Ed.). *A History of Swedish Literature*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1996.
- WAWN, Andrew. *The Vikings and the Victorians: Inventing the Old North in 19th-Century Britain*. London: D.S. Brewer, 2002.
- WILSON, David. *Vikings and gods in european art*. Aarhus: Moesgard Museum, 1997.
- WOLF, Kirsten; MUELLER-WOLLMER, Tristan. *The Vikings: facts and fictions* (Santa Barbara: ABC-CLIO, 2018).
- ZERNACK, Julia. Pre-Christian Religions of the North and the Political Idea of Liberty. In: ROSS, Margaret Clunies (Ed.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and*



Reception, Volume i: From the Middle Ages to c. 1830. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. 255-266.

ZOËGA, Geir T. *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Toronto: Toronto University Press, 2004.